

Investir para crescer

economia - Brasil

06 JUN 2003

O GLOBO

SERGIO MAÇÃES

Há grande expectativa no país em relação à retomada do crescimento sustentado da economia. Mas para que esse desejo se concretize será necessária a realização de intensos investimentos em infra-estrutura, como já ocorreu em momentos de forte crescimento econômico de nosso passado: Sua inexistência e insuficiência são obstáculos intransponíveis ao desenvolvimento, como bem nos faz lembrar o recente problema enfrentado pelo setor de energia elétrica, chamado de "crise do apagão".

Entre os indicadores que melhor expressam o crescimento econômico, o consumo per capita de cimento desponta como dos mais representativos. Nesse item o Brasil não tem, lamentavelmente, se saindo muito bem nos últimos anos. Com um consumo de apenas 216 quilos por habitante/ano, estamos muito abaixo de nações em reconstrução, como Portugal e Espanha,

cujos consumos superam os 1.000 quilos/habitante, enquanto nações consolidadas e com infra-estrutura completa, como Alemanha e Japão, ainda assim consomem acima de 400 quilos/habitante. Mesmo nações com o nosso nível de desenvolvimento, como México e Chile, levam grande vantagem em relação ao Brasil.

O baixo consumo per capita de cimento no país é consequência direta da falta de investimentos tanto na infra-estrutura quanto na área habitacional. Nesta, com déficit superior a 6,5 milhões de moradias, são fortes os impactos negativos sobre a qualidade de vida da população mais humilde, principalmente pela impossibilidade do acesso aos serviços básicos de saneamento e suas repercussões na saúde.

Em relação à infra-estrutura, a herança acumulada e recebida do pas-

sado é também muito grave. Dos 1.649.459 km de extensão das estradas nacionais, 1.501.339 km não estão pavimentados. E dos 148.120 km pavimentados, 24% estão em mau estado de conservação.

Esta situação causa prejuízos incalculáveis para o país, tanto em termos de vidas perdidas quanto no encarecimento de produtos de extrema necessidade para nossa população, como consequência do aumento dos custos de transporte.

O déficit se repete em relação a obras-chave para o desenvolvimento, como portos, ferrovias, hidrelétricas, linhas de transmissão de energia, eclusas, pontes e muitas outras. Sem esses investimentos, estamos estrangulando setores econômicos, como o exportador, e regiões inteiras do país, cujo desenvolvimento seguramente contribuiria para nosso

crescimento e para a melhoria da qualidade de vida dos brasileiros.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva fez a seguinte afirmação, no último dia 8 de abril, em São Paulo: "Retomarei todas as obras paralisadas, em nosso país, imprescindíveis ao desenvolvimento do Brasil." Com as esperanças fortalecidas pelos recentes resultados obtidos na condução da economia, ainda que iniciais, o presidente deve estar antevendo o momento pelo qual todos anseiam, quando finalmente teremos a estabilidade monetária e a normalização das taxas de juros.

Estas são condições sine qua non para a retomada dos investimentos em infra-estrutura e moradia, com a imediata e consequente retomada do crescimento sustentado e do emprego.

Por todos esses motivos, as palavras do presidente soam como um bom augúrio.

SERGIO MAÇÃES é presidente do Sindicato Nacional da Indústria do Cimento.

Em relação à
infra-estrutura, a
herança recebida
do passado é
muito pesada
